

CINE-JORNAL



N.º 5 — 18 DE NOVEMBRO DE 1935

DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS — PREÇO 150

JUNE LANG

da

fox - film

NO PRÓXIMO NÚMERO: Como vejo os galãs da tela, por CLARK GABLE



Jean Parker, miss «Sequoia»

Ainda a propósito dos filmes brasileiros

ADVOGAMOS, num dos nossos números transactos, com argumentos que se nos afiguram justos e convincentes, a necessidade dum intercâmbio de produções lusas e brasileiras, e estranhámos que, até hoje, nas nossas telas, ainda não tivesse aparecido um único filme carioca, tanto mais quanto é certo que o facto de serem falados em português os tornariam mais simpáticos aos nossos olhos, mesmo que os seus méritos artísticos e espectaculares estivessem ao mesmo nível dos das fitas correntes, americanas e francesas que, por aí, se exibem...

É notório o interesse dos portugueses pelas coisas do Brasil, e, ainda há dias, dois factos vieram prová-lo, à evidência: o êxito de «Voando para o Rio de Janeiro» que beneficiou, sem dúvida alguma, da exploração, mais ou menos feliz, do Brasil, do seu cenário e dos ritmos das suas canções — e também o caloroso acolhimento que o público dispensou a «Ondas Curtas», a mais brasileira de todas as revistas de Jardel Jarcolis, esquecendo, por completo, ante a evocação do País irmão, a campanha movida contra o empresário que, entre nós, a apre-sentou.

Não sabemos, evidentemente, se os filmes brasileiros, produzidos até hoje, serão susceptíveis, ou não, de interessar o nosso público. Mas o facto não nos impede de conti-

nuar a manifestar a nossa estranheza, ante o desinteresse revelado pelos nossos importadores, que não curaram, sequer, de averiguar dos seus méritos e do seu valor.

Não têm procedido assim os exibidores da «Cinelandia». Ainda os nossos filmes se encontram em projecto, e já chovem ofertas das terras de Santa Cruz.

Não cremos que haja sido «apenas» a colónia portuguesa a consagrar, no Brasil, «A Severa» e as «Pupilas do Senhor Reitor». Mas, mesmo que assim fôsse, o facto não justificaria o argumento de que a colónia brasileira em Portugal, relativamente diminuta — comparada com a portuguesa, no Brasil — seria insuficiente para amortizar o custo dum filme realizado em terras de Santa Cruz, porque, fizemos, as plateias portuguesas, desde que a obra não fosse destituida de qualidades artísticas e espectaculares, demonstraria dez vezes mais interesse do que por outra de categoria idêntica falada em francês, inglês ou alemão.

E já agora, antes de dar por findas estas breves considerações, queremos transcrever da magnífica revista corporativa brasileira, «Cinemas», o artigo, que damos abaixo, e no qual se fazem judiciosas considerações acerca da marcha da industria de filmes no Brasil, e se esboça o panorama da mesma, no passado, no presente, e no futuro:

«Conforme já se tem dito, o ano de 1935

tem sido o mais feliz para o Cinema Brasileiro.

«Os filmes de grande metragem, além dos numerosos «shorts» apresentados, assim o têm provado.

«Esta nova fase do cinema nacional, iniciada com Alô, Alô, Brasil, foi o marco da estrada gloriosa, que caminha para uma consagração definitiva; para a glória máxima de todos os seus sonhadores, e principalmente de Adhemar Gonzaga que, embora tenha apresentado pouca coisa, é um dos maiores e mais sinceros propulsores morais de nossa industria.

«Depois de Alô, Alô, Brasil, surgiu Estudantes, a seguir Noites Cariocas, Cabocla Bonita, e, agora, o maior de todos, Favela dos Meus Amores, da Brasil Vox Film, interpretado por Carmen Santos, sob a direcção eficiente de Humberto Mauro.

«Foi, portanto, Favela dos Meus Amores, o melhor filme falado que o Brasil produziu este ano, e um dos filmes nacionais que, com algumas restrições de espiritos cegos pelos primeiros técnicos dos filmes estrangeiros, alcançou os maiores elogios da critica.

Tudo em Favela dos Meus Amores denota o grau de evidência em que o cinema brasileiro ficará muito proximoamente. E Humberto Mauro terá as glórias de um dos seus principais realizadores.

Os filmes da semana

Indicações para o exibidor e para o público

Assim acaba um grande amor — Os amores de Napoleão e Maria Luiza. Um drama histórico, romântico, com uma «mise-en-scène» luxuosa. Figuras conhecidas da História, num quadro sumptuoso e cuidado. Um filme agradável, um pouquinho lento como todos os da escola alemã, com uma interpretação à altura da obra: certa, sóbria e segura. No papel de Maria Luiza, Paula Wjosely — a revelação da Mascarada. Willy Forst, no protagonista, um pouco duro talvez. Gostamos mais d'ele como realizador do que como autor. (Estreado no «Tivoli». Distribuição da «Sonoro Filme».)

O Herói Público n.º 1 — Um filme de «gangsters», como só os americanos podem e sabem fazer. Uma história bem urdida, movimentada, com enoção e imprevisão, realizada magistralmente por Walter Ruben. O filme tem sugestões de obras precedentes do mesmo género, mas o facto não desmerece o seu incontestável valor. Chester Morris, o «herói público n.º 1», excelente. José Calcia, um transfugo de Broadway, ótimo. Jean Arthur, a toirinha de Não se fala noutra coisa, procede de modo a, pouco e pouco, ir-se falando nela... (Estreado no «São Luiz-Cine», distribuição da Metro-Goldwyn-Mayer.)

A noiva de Frankenstein — Um filme de terror com inegável mérito artístico e o necessário interesse espectacular. Um ambiente terrorífico, uma história alucinante, o estranho idílio dos dois monstros, tornam A noiva de Frankenstein num espectáculo para agradar e fazer carreira. Boris Karloff e Elsa Lanchester desempenham os principais papéis neste filme de monstros, que felizmente não é uma monstruosidade... (Estreado nos cinemas «Palácio» e «Odéon». Distribuição da Companhia Cinematográfica de Portugal.)

A Lotaria do Amor — É uma comédia engraçada, levemente picante, esta que Pat Patterson (Nme Charles Boyer) desempenha com a sua distinção proverbial.

Tem graça, leveza, bom humor — e reúne aquelas qualidades, que fazem dele um filme despretençioso, que agrada a toda a gente. (Estreado nos cinemas «Palácio» e «Odéon». Distribuição da Companhia Cinematográfica de Portugal.)

Pelintrá Miltonário. — É um filme do mesmo realizador de Se eu fôsse o patrão, e feito nas mesmas águas do êxito da obra precedente, com o sentido de lhe seguir o rasto. A obra fêta um pouco aquém da sua finalidade, o que não quer dizer que não tenha trouvaes, é uma interpretação magnífica de Max Dearly, Monique Rolland e Pierre Brasseur. Obitas, as paisagens alpinas! (Estreado no Condes, distribuição de J. Castello Lopes, L.da.)

CHEVALIER vai filmar em Londres

Ludovico Toeplitz de Grand Ry esleve, há dias, em Paris, a fim-de-ultima com Maurice Chevalier os pormenores do novo filme, que o popular artista vai filmar nos estúdios da A. T. P. d'Éaling, próximo de Londres, a partir de 30 de Dezembro próximo.

O filme terá duas versões. Max Dearly será o super-visor da francesa. A realização é de Kurt Bernardt. Chevalier cantará quatro canções, no decorrer da obra, mas, naturalmente, isto é: sem serem incluídas forçadamente na acção. Inicial-se-á The Beloved vagabond, no novo filme de Chevalier, que será extraído do romance do mesmo nome de William J. Locke.

FERNANDO FRAGOSO.

NOTÍCIAS DE TODA A PARTE...

Anatol Litwak, música de Arthur Heger.

MEDALHA DE HONRA: La Bandera de Julien Duvivier.

PREMIO DO GOVERNO BELGA: para o melhor filme estrangeiro *The Song of Ceylan*, de Grierson.

PREMIO DA «FIPRESCI»: *Les Merveilles de l'Occident* e *Le Mont Saint Michel*.

PREMIO DO GOVERNO BELGA: para o melhor filme belga: *Terres Brûlées*, de Charles Dekenkeire.

PREMIO DA CÂMARA: *L'Hipocampe*, de Jean Painlevé.

PREMIO DA EXPOSIÇÃO DE BRUXELAS: *A força das plantas*, de Kaufman.

O novo filme de Fritz Lang

Parece não ter sido feliz até agora o trabalho de Fritz Lang na América.

Começou por estudar um filme, *Tell no Tales, sobre a guerra marítima*. O projecto foi logo abandonado, para se ocupar de *Passport to Hell*, filme para o qual a Metro chegou a fixar um «budget» astronómico.

Orá, segundo informações fidedignas, Fritz Lang não empreenderá nenhum desses filmes, mas sim *Mob Rule*, segundo uma história de Norman Krasna, o célebre escritor americano.

A vedeta será, possivelmente, Spencer Tracy.

As raparigas americanas pronunciam-se...

Uma revista americana leve a ideia de promover um inquérito entre as «manequins» e «modélos» profissionais de Nova-York, e fez-lhes esta indiscreta pergunta:

«Se pudesse, na América inteira, escolher um noivo a seu gosto, quem preferiria?»

E advertiam que se partia da hipótese — visto que de hipóteses se estava tratando — que todos os homens da América eram solteiros.

Por uma maioria esmagadora, foi designado, em primeiro lugar, como favorito, o senador Huey Long, o mesmo que há pouco foi assassinado.

Em segundo lugar, classificou-se o «larzânico» Johnny Weissmuller. E o ídolo da América, Clark Gable, foi relegado para terceiro lugar.

Isto passava-se na mesma semana, em que o pastor de Mopedale, a cidadezinha de Ohio onde o irresistível galã viu a luz do dia, pedias preces públicas, para arancar Gable do caminho da perdição...



Um grupo de família... Sentadas, as mães de Joan Crawford e de W. S. Van Dyke. De pé, os respectivos filhos.

Os resultados do concurso de Bruxelas

Eis a lista completa dos prémios atribuídos aos diversos filmes, no Festival de Bruxelas:

PREMIO DO REI: *The Informer*, de John Ford.

PREMIOS DA CIDADE: *Escape me Never*, de Paul Czinner.

PREMIO DA CÂMARA SINDICAL: *Way Down East*, de Henry King.

GRANDE MEDALHA DE HONRA: O melhor argumento: *The Scoundrel*, de Ben Hetch.

A melhor fotografia: *Bozambo*, de Zoltan Korda.

A melhor partitura: *L'Equipe*, de

Os filmes campeões de receitas

Motion Picture Herald designa, no último número chegado a Lisboa, quais os filmes que deram mais receitas em Setembro. Eis-los:

Top Hat, da R. K. O. Realização de Mark Sandrik, com Fred Astaire e Ginger Rogers.

Steamboat Round the Bend, da Fox. Realização de John Ford, com Will Rogers e Ann Shirley.

Anna Karenine, da M. G. M. Realização de Clarence Brown, com Greta Garbo e Frederick March.

China Seas, da M. G. M. Realização de Tay Garnett. Com Wallace Beery, Jean Harlow e Clark Gable.

Diamond Jim, da Universal. Realização de Edward Sutherland, com Edward Arnold.

The Big Broadcast of 1936, da Paramount. Realização de Norma Taurog.

The Dark Angel, da United Artists. Realização de Sidney Franklin, com Merte Oberon e Frederick March.

The Call of the Wild, da United Artists. Realização de William Wellman, com Clark Gable e Loretta Young.

«As virgens de Wimpole Street» o melhor filme de 1934, segundo «Photoplays»

Photoplays publicou já os resultados do seu concurso anual para atribuição da medalha de ouro ao melhor filme de 1934.

Em primeiro lugar, classificou-se *As Virgens de Wimpole Street*, com Norma Shearer, Charles Laughon e Frederick March.

Logo a seguir, pela sua ordem, foram votados os seguintes filmes: *Uma noite Aconteceu*, *Uma Noite de Amor* e *A Alegre Divorciada*.

Aos principais intérpretes de *Barrets of Wimpole Street* foram distribuídas medalhas de cobre.

«Mulher Satânica» interdito na Europa e na América?

Segundo informações de boa fonte, o filme *Mulher Satânica* foi interdito na Europa e na América.

A ser verídico o facto — do qual *Pour Vous* se faz eco — as coisas ter-se-iam passado assim: o governo espanhol, considerando que *Mulher Satânica* atinge o prestígio e a honra do exercito e da guarda civil da vizinha República, teria dado 48 horas à Paramount, para suspender a sua exibição na Europa e na América, advertindo-a de que se assim não procedesse proibiria a entrada dos filmes da citada firma em todo o território.

Segundo informa o *Pour Vous*, a Paramount satisfaz a exigência do Governo de Espanha.

Os melhores artistas

O «Sunday Dispatch», de Hollywood, promoveu um inquérito entre os seus leitores, para saber quais eram os artistas favoritos do público.

Em 1.º, 2.º e 3.º lugar, classificaram-se, respectivamente, Greta Garbo, Norma Shearer e Clark Gable.

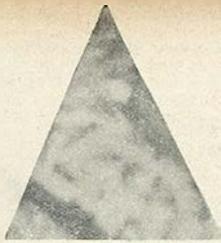
São João de Bosco

Acaba de se realizar, em França, um filme à glória de «Don Bosco», há pouco canonizado, quando do Ano Santo, em Roma.

A apresentação privada deste filme sacro assistiram o Cardeal Verdier, Arcebispo de Paris, e o Cardeal Villeneuve, que declararam, publicamente, ser o filme uma obra notável, à glória de São João de Bosco.



Margot Graham, a grande actriz inglesa, a revelação de O Denunciante



A mulher é o ser que lima duma maneira mais engenhosa os sentimentos modificadores da sua sensibilidade. Uns influem mais ou menos fortemente sobre o carácter, outros são simplesmente fruto de caprichos efêmeros. Para a mulher o destino é tão arbitrário como a vida; as manifestações do seu carácter tão inesperadas como variadas. Julgávamos aquela incapaz de amar e torna-se uma amorosa apaixonada e ciumenta e a que nos parecia uma estéril romântica vem a ser uma leviana.

Explicam-se todos os sentimentos da mulher pelo amor. A bondade, a caridade, o orgulho, a modéstia e a ciúme não são mais do que uma forma deslocada da sensibilidade afectiva. Embora nos pareça inverosímil, o amor existe na mulher num estado latente, mais ou menos vivo e mais ou menos mordaz, mas incontestavelmente presente.

A mulher nasceu para amar. O amor pode manifestar-se sobre diferentes formas; pode expandir-se na sombra sem que aquele que o provocou se aperceba de tal, mas também se pode apresentar sob uma forma mais sedutora e espectacularosa.

Uma mulher apaixonada é capaz das acções mais difíceis, dos actos mais dedicados e da mais sincera abnegação. Em todos os corações femininos existe um certo romantismo que contrasta com as ideias materialistas do nosso século. É costume dizer-se que as mulheres matam o amor. Ora nada é mais injusto e mais fantasista do que esta afirmação. Se são elas as defensoras dos últimos ímpetos de coração, atrás dos quais o amor faz barricada?!? Diante da ofensiva impiedosa, diante do combate levantado contra o amor, formam o elemento conservador, a barreira resistente contra a qual se detêm todas as tentativas destruidoras. Apesar do romantismo estar desacrecreditado, achincalhado, a mulher é ainda a representante condigna dos tempos em que era enaltecida por Musset, Lamartine, Hugo, de Nerval e tantos outros nomes categorizados em obras que embalaram os nossos sonhos de mocidade.

Mas qual é o papel do amor entre as mulheres?

Em primeiro lugar é necessário fazer



uma distinção entre a mulher que é amorosa e a que o não é. Para a mulher não amorosa o amor não passa duma palavra, uma expressão de linguagem que as épocas passadas nos legaram enriquecida pela lenda e portanto agora, para elas, mais incompreensível do que nunca. É qualquer coisa de místico e de desconhecido que por isso mesmo, excita de sobremaneira a curiosidade! É céptico na sua existência e portanto acreditamos nele. Teme-se e deseja-se experimentar. É partilhado entre duas correntes contraditórias; temendo-se desdenham de nunca o conhecermos e se se conhece criticamos de sofrermos por sua causa.

Não ousamos guiar-nos por esta voz

e portanto estimariamos, por livre vontade, sentir-lhe os efeitos. Para mais, esta impressão desconhecida, mesmo arriscada, tenta-nos; apesar duma luta interior deixámo-nos vencer, entregámo-nos. Para as mulheres o amor representa um bem estar insuspeitável. Não há dúvida que transforma a mulher.

Consideremos uma rapariga nestes dois estados e notaremos a transformação que o amor produziu nela. O amor é o principal, senão o único, estimulante da mulher. Em vez de nos deixarmos desfalecer somos reanimadas pelo seu impulso. O nosso sangue alvo-raça-se, o nosso espírito desperta, nasce-nos um desejo ardente de prazer.

Sem darmos por isso começamos a cuidar com mais atenção dos atractivos físicos; tornamo-nos mais ardilosas e retroecar a nossa beleza natural, escolhemos coloridos harmoniosos para os vestuários e consideramos as diversões como principal preocupação da vida. No entanto, o amor não tem como único efeito, transformar-nos fisicamente. Se as qualidades físicas não têm importância no conceito que um homem possa fazer duma mulher, as qualidades morais, pelo contrário, têm importância primordial.

Ora a mulher amorosa é moralmente superior a qualquer outra, pois o amor fá-la tomar uma nova atitude perante a vida. Longe de nos deixarmos abater pelas contrariedades encaramo-las com coragem e empregamos com energia e inteligência todas as nossas possibilidades para as derrubarmos.

Desde que os primeiros vislumbres do amor se fazem sentir, a mulher penetra-se mais dos seus deveres perante a moral e a sociedade. E quanto mais enraizado está, mais definida é a noção dos deveres. Com o amor despertam sentimentos novos que vão dia a dia avolumando-se.

O amor é para a mulher que o retém, o melhor advogado. Tudo se perdoa a uma mulher amorosa. Desde os actos mais extravagantes às loucuras mais desatinadas.

A sociedade tem para ela a compaixão que os pais têm para a primeira aventura duma filha amada.



P O R

F L O

RELLE

AS CANÇÕES



H AVERA ainda quem se lembre do filme mudo, e do cinema, chamado 100 % falado e cantado?

E das canções que fizeram furor em discos, orquestras, nos casinos, nas praias, nos hotéis durante os bailes de inverno? Era o que se podia chamar a loucura da canção cinéfila. Estreavam-se os filmes, e, todos à uma, procuravam o fundo musical para o poder entoar primeiro.

Artistas houve que deviam a sua fama unicamente à maneira pessoalíssima como cantavam uma canção. Assim, Bouboule, e, até certo ponto, Chevalier.

Dos primeiros tempos do sonoro (o cinema nesse tempo chamava-se assim), lembramo-nos de *Sobre os telhados de Paris*, de René Clair.

*Sous les toits de Paris
Tu vois ma petite Nini*

e num «travelling» formidável sucediam-se telhados maravilhosamente desiguais, envolvidos num nevoeiro fotogenicamente parda-ento: nas ruas, «apaches» e «mindinettes» espreitavam-se e golpeavam-se ciuvemente; calés, «can-cans», floristas, gavroches rotos e amalandrados, com beata ao canto da boca, um realejo, uma boina com pala encimando um rosto queimado, trauteando uma canção brègéria, ora em grandes planos, ora em sobreposições enquadradas por mãos de Mestre.

E a valsa, a eterna valsa, repisada por todos, tornava-se um motivo, uma obsecação que fazia e dava gosto acompanhar:

*Sous les toits...
Ne sois pas jaloux, tais-toi.*

e era a franja da Louise Brooks, as suas pernas nervosas, uma voz de menina burguesa cantando ao piano, uma «gare» de caminho de ferro com muitos entroncamentos e muitas linhas para lado, que A. Genina, o realizador mais sentimentalmente latino, punha sempre nos seus filmes, uma trapeira barata num

«Give me a man»,
se consegue impor definitivamente.

Greta não canta, mas finge que canta no *Romance* e que dança em *Mata-Hari*. Há até quem invente e faça ginástica, dizendo que a sua voz máscula e grave, tem tanto sex-appeal como o seu ombro esquerdo...

Em Hollywood toda a gente canta. Não vem de lá qualquer filme que não seja 100 % falado e 50 % cantado. Em Berlim, em Epinay sur Seine, acontece a mesmíssima coisa. Cantam ou fazem cantar o Stenberg, o René Claire, o Mickey, enfim todos à excepção de Chaplin que no entanto, escolhe para o fundo de «Luzes da Cidade» o motivo da *Violetera*. Roman julga-se tenor

D O S



bairro pobre de Paris, um canário, uma máquina de costura e, por fim, uma alegoria, uma alegoria-bilhete-postal ao ciúme e ao cinema sonoro... E a valsa, sempre:

*Ne sois pas jaloux, tais-toi.
Je n'ai qu'un amour, c'est toi...*

Vem agora os «foxs» americanos, com seniores elegantísimos de casaca, voz fanhosa e dezenas, centenas, de «girls» em branco e preto, com cartolas brilhantes, laços nos sapatos, em ritmos iguais, paradoxalmente iguais, ora levantando a perna ou os braços, às ordens firmes de Albertina Rasch, com todas as «estrelas» da Leo ou da Paramount, em revistas que eram maravilhas.

No entanto, aquele estribilho do «Brodyway Melody—We were meant for me»—que ainda, às vezes, o Bux, arrasta dentro duma mala detestável, era embriagador. Quasi que dava vontade de aprender inglês, para poder cantar bem todas as canções dessa época: «*Cantando à chuva, a Boneca pintada, That's your Baby?*...

Chegam a Portugal, Maurice e Jeanette, que se desafiam, Ele, no «Paris je t'aime», e ela ao som de cornetins, vestida de generallíssima do reino da Pensilvânia, grita ao exército, em ar duc...ente:

*Grenadiers!!!
Attention,
repondez
à l'appelle de la nation.*

Lilian, a deliciosa Lilian, surge-nos com o seu Garat, a dizer:

«Avoir, un bon copain...»
Marlene, apresenta-se imperturbável na pele de um anjo azul, mas consegue ser repélda.

Tibett, Denis King, vem da opera para o cinema... feito a côres. E mais, muitos mais actores, atrizes, maestros, músicos, baillo-dores, dançarinas, clássicas, negras, russas, de Paris, de Londres e da China.
Mas o cume, o apogeu do estribilho e da canção, vem com o «Congresso que dança». Na noite em que a fita apareceu na tela do São Luiz garanto-vos, que os porteiros, a geral em péso, o primeiro e segundo balcão, a plateia, as frizas, saíram todos, a cantar, acompanhando o Garat e a Lilian no «Je t'aimerai, toujours, toujours» e o «Serait ce un rêve».

As canções animavam e davam leveza aos filmes Bastava às vezes um estribilho ou um fundo musical para que pela nossa mente passasse todo um filme completo. Os soluções musicais, da *Melodia de Amor* pela Lupe Velez, fixavam na nossa memória todo o enredo, realização e desempenho dessa obra que passou no Condes.

E das fitas portuguesas?
Todos nos lembramos da Dina Teresa e da sua voz a «beijar as pedras do chão» e a dizer que «tem um degrau no seu leito».
A Beatriz? que a pesar-de ser a Beatriz vem com uma cabeleira postíca (quasi como está agora no «Trevo das quatro fólhas»), mas não consegue fazer-nos fixar o «Meu amor, estou mortinha por te ver». Dois anos mais tarde, triunfa plenamente a dizer ao Vasco que «tem um gaiato, ali dependurado, que tem mesmo, a cara, lá do namorado».

José Mojica, Jean Kiepora, Carlos Gardel ao mesmo tempo que o director do «Trader Horn» faz falar o «Mala» no «Esquimos» fazem o delírio de todas as meninas loiramente oxiginadas e de boina à banda.

Surgem, com o sol quente no Abril que passou, as (antigas morenas das «Pupilas do Senhor Reitor» e o vira, impôs-se definitivamente assim, como os

*«teus olhos dizem que sim,
tua boca diz que não...»*

e por aí adiante, em versos vestidos à moda portuguesa, garridos, esfrangalhados, em ondas de ciúmes e de amores mal correspondidos.

Leitão de Barros vai fazer «Bocage», com música, muita música, canções dançadas e cantadas, O «Trevo» está também em vias de conclusão, Ficamos à espera, ansiosamente à espera, porque os nossos ouvidos já estão saudosos de canções, de estribilhos, mesmo que sejam às vezes um tudo nada disparatados como este:

*Se eu tivesse um filme falado de Você,
eu amava-a*
AZINHAL ABELHO



FILMES

O ELOGIO DO ESTRIBILHO

Crónica da Semana

Porque é que alguns postos de telefonia passam as noites numa cega-rega constante de «foxes» e de fados?

Segundo se diz, vão ao encontro das predilecções do público. Ora este conceito que se faz do gosto dos ouvintes é mais ligeiro ainda do que a música chamada ligeira que continuamente lhe fornecem.

Teria prova de que assim é quem, com nós, observasse a atitude da assistência às exhibições da «Valsa do Adeus» no Odeon e no Palácio.

Recostadamente, tamos dizer devotamente, se ouviu a música de Chopin. E se esta foi escutada com tanta atenção é que a souberam compreender, mais não fôsse por intuição.

Acérea do critério artístico do nosso público, muito vale o testemunho de Perez Casas que, durante a sua longa carreira de grande artista, poucas ovações terá que se comparem ao «Valse» com que foi recebida... Lisvov a sua interpretação da «Valsa», de Ravel.

E quem é que assim mostrava ler um tão apurado sentido da Arle? Alguma assistência seleccionada, preparada, um escól enfim? Muito simplesmente, a multidão que enchia o Coliseu, de lés a lés, a mesma que lódas as noites: supor-la resignadamente a cega-rega dos «foxes» e dos fados.

Um maestro consciencioso explica nos ensaios o significado desta ou daquela frase musical para que os músicos possam contribuir inteligentemente para uma melhor interpretação. Mas idêntica preparação não se dá ao público, que se limita, a maior parle das vezes, a perceber que o trecho executado «cái bem ou mal no ouvido».

O cinema é, neste sentido, um esplêndido meio para a divulgação de um género de música que tem a infelicidade de se chamar clássica.

Ainda não há muito que passou na tela o «1812» traduzido em imagens e, com cerleza, muitas pessoas houve que embora quasi assobiassem o famoso trecho por muito o ouvirem, só então o conheceram bem.

Agora na «Valsa do Adeus» o mesmo se dá. Quem não compreende o «improviso» de Chopin quando o seu espirito váa para junto dos seus companheiros empenhados na luta pela independência?

E que bocado de bom cinema e que expressão curiosa a de Janine Crispin, na George Sund, quando assiste ao arrebatamento do artista!

Ao ouvir aquela catadupa de notas em tropel parece que se sentem as pancadas desordenadas do coração do grande polaco, a ansiedade que lhe vai na alma pelo destino da sua pátria.

Mas agora reparamos que estamos a ser talvez um pouco românticos, que nos deixámos ganhar demastadamente pelo ambiente do filme...

Mas isto de ser romântico é assim tão feio?

Não cabe aqui definir o que é o romantismo. Nem vale a pena, porque at eslião, por lóda a parle, em variadíssimos

sectores da vida portuguesa, estratos morais e materias a atestar o seu maleficio. A relórica éca, o gosto morbido pelas palavras escritas com grandes maitisculas, o pieguismo, os versos à lua, etc.

Mas a reacção aos desmandos do romantismo delirante deu o retraimento geral a lódas as manifestações do espirito. Um exagéro substituiu outro exagéro: continuou sem cultores a virtude do equilibrio.

O neo-romanismo dos nossos dias é a verdadeira posição razoável do espirito perante a vida. Há que envolver esta num véu diáfano duma fantasia amável.

Mergulhados num negativo ceticismo, vencidos os últimos impulsos da

A indiferença do público do Porto

Tem sido assunto de inúmeras controversias o facto de se pretender que o público, frequentador dos cinemas, manifeste o seu regosio ou descontentamento ante os filmes exhibidos.

No Porto verifica-se que as plateias são pouco expansivas na manifestação das suas apreciações, pois, não aplaudem nem pateiam nenhuma produção.

Se o filme agrada, a satisfação reflecte-se na fisionomia alegre da multidão. Se não agrada o desapontamento revela-se da mesma forma.

Seria, na verdade, deveras interessante que, pelo menos, os cinéfilos, soubersem recompensar o esforço dos cineastas que tão bellissimas obras nos oferecem. É facto que os aplausos, por mais vibrantes, nunca chegariam aos



A bela adormecida dos bosques?! Não! Rochelle Hudson, tomando um banho...

nossa sensibilidade, não queiramos nós, que começámos por rir dos poetas nefetibales, que sejam estes os últimos a rir...

Por isso, se a «Valsa do Adeus» lhes produziu qualquer emoção, se os encantou, o melhor é deixarem-se levar por esse encantamento, sem reagir, e transportem-se em espirito, em doce companhia, até ás paragens em que Chopin viveu o seu amor e que George Sand descreve no filme em três palavras: — azul, verde e oiro.

Com estas três cores, e com o resto... podem fazer um poema.

ANTÓNIO DE CARVALHO NUNES

ouvidos dos produtores, dirigentes ou artistas, mas, seria, contudo, uma justa compensação moral dada ao empresário que por tacto, por sensibilidade ou mesmo por mero acaso, nos apresenta o espectáculo.

Tudo isto seria simpáticamente possível se a actual geração não vivesse numa época incerta e em que a sinceridade não abunda.

Porque a verdade é que patear ou aplaudir, sinceramente, um filme que agrada ou desagradá parece-nos, apenas, um direito que a todos assiste.

Pelo menos as massas menos cultas, as plateias populares são mais justas e até mais claras nas suas manifestações. Nos cinemas populares quando uma cena entusiasma o público, espontânea

e vibrante os espectadores manifestam-se. Podemos discordar das razões determinantes dessas explosões entusiásticas, mas, temos de confessar e concordar com essa sinceridade.

É pena que o restante público — o espectador culto ou, pelo menos, um pouco consciente — não revele praticamente a impressão que o espectáculo cinematográfico lhe dá. Seria a demonstração de um maior interesse pelo cinema, e a prova de que nem todos estamos dispostos a olhar a tela... como o boi para o palácio.

A filmagem de algumas cenas de «O trevo de quatro folhas»

Encontra-se no Porto, há dias, a equipa que veio filmar algumas passagens do novo fonofilm português, da «Sonarte».

Como esta cidade já estava deshabitada da «mise-en-scène» pública que os trabalhos cinematográficos sempre originam, o acontecimento suscitou uma certa curiosidade em parte da população que ocorreu ao local da filmagem a assistir aos trabalhos sempre curiosos — e inéditos para a maioria das assistências.

Nas cenas até hoje filmadas tem actuado sempre o popular actor Nascimento Fernandes — um dos principais intérpretes de «O trevo de quatro folhas».

Após-nos registar o facto de aos realizadores do novo fonofilm, terem sido concedidas as maiores facilidades para o seu árduo trabalho, o que até há anos se não conseguia.

Recorda-nos, ainda, que muitos filmes produzidos nesta cidade — no tempo do cinema silencioso — foram muito prejudicados por os seus realizadores não obterem das entidades oficiais, pelo menos, o auxilio, por vezes somente moral, que lhes era solicitado.

Tal atitude prova, inofismavelmente, que, com o rodar dos anos, entre muitas conquistas feitas pelo cinema, a de convencer certas entidades do seu incomensurável valor — merece destaque.

O cinema e a publicidade

O poder de sugestão e a popularidade, sempre crescente, da arte cinematográfica chamou, desde sempre, a atenção dos técnicos da publicidade para este insuperável meio de comunicação com o público.

No Porto faz-se, presentemente, publicidade num vastíssimo campo de acção e essa esfera tinha, inevitavelmente, de compreender o cinema.

Porém, e contra o que tudo indica, raríssimas vezes assistimos a exhibição de um filme de propaganda que tinha de um filme de propaganda que tinha um certo equilibrio técnico, já para não exigirmos um razoável sentido artístico como seria absolutamente natural e lógico.

Geralmente essa publicidade, entregue a operadores pouco hábeis que aglomeram as funções de «cameramen» com as de publicitários, quando não juntam a estas a de angariadores, peca por uma ausência absoluta de originalidade, bom gosto e perfeição.

E é pena, acreditem!

CARLOS MOREIRA

Carta do Porto

NA parte ocidental de Berlim, junto a um dos mais belos bosques da cidade, há uma alameda de lindas vivendas, das mais lindas que se encontram nas capitais da Europa. Numa rua lateral dessa alameda fica a casa onde reside Willy Fritsch, o popular artista do cinema alemão.

Custou a Willy Fritsch separar-se da sua antiga casa para vir morar para aqui. Por fim, cedeu aos conselhos dos amigos, não tanto pelos conselhos, mas pela certeza de que ele próprio podia instalar-se à sua vontade. Ainda assim, levou meses inteiros a escolher o sítio mais conveniente, e, quando se decidiu, ele mesmo passou a colaborar no plano das obras, e, mais tarde, a decorar os interiores, sem o auxílio dos arquitectos, o que não só constituiu para ele motivo de orgulho como também uma felicidade para o aspecto artístico da residência...

Enquanto esperamos por Willy Fritsch, no primeiro andar, contemplamos, com curiosidade, a sua sala de visitas, que respira harmonia e conforto. A mobília é a mesma da casa antiga, porque Fritsch recusou-se, enérgicamente, a apartar-se dos seus trastes, como ele diz. Aliás, estes móveis têm um estilo prático e confortável. O «divan» é um móvel onde se pode, de facto, repousar, e as poltronas são poltronas de verdade, para as pessoas se sentarem. É aqui que Fritsch repousa do seu trabalho de estúdio, não sem se levantar, de quando em quando, para receber uma visita e para mostrar-lhe, antes de levá-la para o jardim, o recanto do salão onde há um pequeno «bar» com bebidas agradáveis.

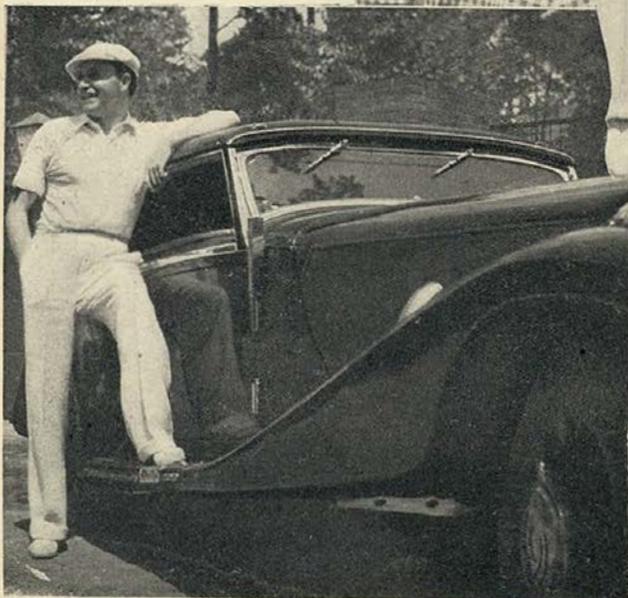
Pelas paredes vêem-se vários quadros e uma estatuetta que o dono da casa trouxe do Egipto, quando esteve junto das pirâmides, a

me deixou encantado, nas curstas horas que o visitei.

A nossa estupefacção não tem limites. Willy, com efeito, esteve em Lisboa. Durante algumas horas, apenas, o tempo limitado da demora dum barco alemão, no Tejo. A principio, supomos ser uma brincadeira, ou uma amabilidade, o que nos diz. Mas depressa nos convencemos.

É Willy prossegue:

— Os portugueses, no entanto, têm sido



raio. Grandes lagos de pedra, caramanchões, cobertos de trepadeiras, cadeiras convidativas, suspensas, onde apetece ficar esquecido...

Uma voz fresca, cristalina, canta, ao longe: — Willy!...

É Lilian Harvey, que se apresta a sair no seu Mercedes branco, e lhe diz adeus, ao fundo da avenida das tilias, alegremente.

Dinah e Bon, os dois cães favoritos do simpático artista, ladram ao automóvel que parte. E logo que este arranca, numa correria doida, atiram-se a Willy, com uma violência amigável, que me faz olhá-los com respeito.

As plantas são ainda novas e respiram frescura. E Fritsch vai apontando os sítios onde pensa plantar mais isto e mais aquilo, ao mesmo tempo que faz reflexões sérias e sensatas sobre a maneira de tratar as flores.

Ao fundo do jardim, há duas árvores que Willy não quis abater ao construir a casa. Foi postado entre elas que entreviu o plano da casa e se decidiu, quasi por sua causa, a construí-la nesse mesmo sítio. Para elas vai o seu primeiro olhar, ao abrir, de manhã cedo, a janela do quarto. E quando volta, fatigado do estúdio, são elas que, de longe, lhe enviam uma saudação amiga, chamando-o ao repouso e à tranquilidade do lar!

Berlim, Novembro de 1935.

M. SANTOS E SILVA.

Albers quando esteve em Lisboa, ao ver que ninguém o conhecia, éle o maior actor alemão, ao passo que Jean Murat, pelo contrário, não tinha mãos a medir, com pedidos de autógrafos dos admiradores.

A conversa deriva para outro assunto.

Inquirimos dos filmes que tem interpretado. Agora concluiu *Rosas Negras*, com Lilian Harvey, a filha pródiga, que regressou da América.

Willy, presentemente, descansa. Tem tido um trabalho intenso nos estúdios. E diz-nos:

— Fugi para aqui. O cinema é uma profissão absorvente. A atmosfera do estúdio, tremenda para a saúde. De vez em quando, temos que nos revoltar, bater o pé no chão e isolarmo-nos na nossa torre de marfim.

Gabamos-lhe o bom gosto da casa, Willy tem o culto do lar e a paixão dos jardins.

Através das janelas da sala, e das cortinas de cassa, cõa-se o sol, que, lá fora, brilha alegremente.

Willy leva-nos ao seu jardim. É um pe-

trabalhar num filme. A um canto da sala há uma pequena porta que dá acesso ao andar superior, onde o simpático artista tem os seus aposentos.

— Portugueses?! inquiriu Willy Fritsch com um sorriso de simpatia logo que me viu!

E sem me dar tempo a dizer mais do que um sinal de assentimento:

— Conheço mal o seu País, mas creia que

um bocadinho ingratos comigo. No tempo do mudo, recebia cartas de Portugal às centenas. Agora, só de longe em longe.

Explicamos-lhe o motivo. É a consequência lógica da sua ausência das nossas telas. Portugal prefere ver as versões francesas dos filmes alemães, e Willy Fritsch perdeu, assim, o contacto do nosso público.

E contamos-lhe a estupefacção de Haas

«CINE-JORNAL»

ENTREVISTA,
EM BÉRLIM,

WILLY
FRITSCH



Maria Paula, a Clara das Papilas do Sr. Reitor, e que, ao lado de Jean Murat, deve tomar parte no filme luso-francês, a realizar nos inícios da Primavera

bido. Aconselhei-o a ficar descansado, pois não falaria no caso... e como vêm cumprir à risca.

A chegada

A chegada foi aparatosa. Fotos e mais fotos. Lenços no ar. Braços levantados. Confusão. Barafunda. Murat começou a subir a escada e ouviu-se uma gritaria medonha. Fiquei assombrado. O que seria?

Só depois dos abraços do estilo, dos apertos de mão afeituosos e das mil perguntas curiosas sobre as últimas novidades de Paris consegui descobrir o que ocasionara a gritaria.

Murat andava ultimamente de barba, pois assim o exigia o papel que interpretava no filme de Litvak, intitulado *Ana-Maria*. Agora parecia mais novo e todo aquele reboliço a que assistira foi ocasionado pelo novo aspecto físico do protagonista da «I. F. 1 não responde».

Demos uma volta pelo convés. Aqui e além surgem rapazes novos, marheiros de 16 a 18 anos que andam em viagem de estudo. Depois chegamos ao local das filmagens. Tipos com ar de vadios, barbas desmaseladas e aspecto porco. Filmaram algumas cenas sem importância: Um sóco seguido dum trambulhão e o esbracejar do agredido depois de prostrado.

O argumento

«Mutinés de l'Elseneurs» é a adaptação dum romance que fez sucesso. No

entanto o valor do filme não será consequência da acção do argumento mas sim do seu valor cinematográfico.

No «Elseneurs» embarca o jornalista Pathurst (Jean Murat), que vai em missão profissional e leva consigo uma quantia avultada. A certa altura da viagem alguns dos tripulantes são apanhados a praticar um roubo. Trava-se um verdadeiro combate entre a tripulação. Capitão West (Jacques Berlioz) é o comandante do navio e morre às mãos dos tripulantes insubmissos. O jornalista Pathurst prossegue, luta e domina não só os revoltados mas também o coração da filha do comandante — Miss West (Winna Winfried).

Éis o esqueleto da acção, que é coberto por cenas de real valor e incontestável interesse. Ao folhear a «é-coupage» encontrei algumas que podem resultar completamente. Mais convencido fiquei depois de conversar com Pierre Chenal, que me pôs ao facto da maneira como trabalham.

Fala Pierre Chenal

Pierre Chenal é o realizador do filme. Todos lhe conhecem o nome desde que os jornais franceses elogiaram o «Crime et Châtiment».

Sobre tal personalidade escuso de dar apontamentos pois a sua conversa revela-o.

Começamos a falar de «Les Mutinés de l'Elseneurs»:

— Alugámos o barco e conto filmar primeiramente todos os exteriores. Para isso fazemos esta viagem. Vamos daqui para a Madeira, que me dizem ser um encanto, e depois para Marrocos e Cátrias.

— E a viagem?
— Um bocado agitada, principalmente no golfo de Gasconha. O navio tem poucas comodidades...

De repente, levantou-se e convidou-me para o acompanhar até junto da aparelhagem sonora. Apresentou-me os engenheiros de som, Yonnet e Métain. Depois foram mostrar-me a última inovação em material sonoro. «Les micros directionelles», disse Pierre Chenal apontando o local das filmagens e logo os dois engenheiros, ao desafio, começaram a explicar. A engenheira ainda conseguia falar mais alto que Métain. De que se trata? Dum dispositivo graças ao qual o micro só é sensível aos ruídos emitidos dentro duma determinada zona; para lá dessa distância, nada é captado.

Os «clous» do filme

— Na Gasconha filmámos já uma cena que deve resultar dos momentos mais cinematográficos. A água batia fortemente o navio e varria o convés. Filmámos uma tempestade autêntica; o vento e o quebrar das ondas constituíam uma verdadeira sinfonia que captámos directamente e que é por certo uma revelação cinematográfica.

— Tem originalidade bastante?

— Não calcula. É um espectáculo novo, completamente diferente de tudo que estamos habituados a ver.

«Outra cena que também vai resultar é o combate travado a bordo, da ré para a proa.

— Serve-se de «trues» novos?

— De maneira nenhuma. Emprego unicamente a técnica pela técnica. Com ela consigo efeitos espectaculares tão bons como os mais complicados «trues» americanos. A minha mocidade substitui-os. Não tome isto como vaidade. Quero dizer que os nossos olhos, quando são Novos, sabem descobrir novas facetas nos mais vulgares aspectos da vida. Depende da maneira de os encararmos.

— O filme em si, agrada-lhe?

— Agrada-me pela quantidade de cinema que faço dentro d'ele. Para mais o assunto é movimentado e, por tanto, presta-se.

Será verdade?

— Dos filmes que tem feito qual é aquele que prefere?

— «Crime et Châtiments», sem dúvida.

— Admira muito Dostoiewski?

— Imenso.

— Qual dos seus livros lhe parece melhor?

Pierre Chenal corou. Gaguejou. Fez gestos desconexos e depois:

— É difícil. Bem vê. Talvez prefira «Crime et Châtiments».

Fiquei plenamente convencido que Pierre Chenal não lera senão este... e este por ter que o filmar.

— Prefere realizar em estúdios ou ao ar livre?

— Em estúdios. Consegue-se fazer melhor cinema; temos mais possibilidades; fazemos aquilo que queremos e não estamos sujeitos aos caprichos do tempo.

— Realizadores que mais admira?

— Tenho uma grande admiração por Jacques Feider...

Discute-se René Clair

O meu entusiasmo por René Clair obrigou-me a citar-lhe o nome e impedi involuntariamente que Pierre Chenal terminasse a resposta que proferia.

Preguntou-me se admirava Clair. A minha afirmativa ripostou enervado:

— René Clair pode não ser prejudicial ao cinema mas é-o à vida. Os seus filmes são uma gargalhada de escárnio sobre a sociedade.

— Sobre as convenções da sociedade...

— Convenções ou não o que lhe granto é que escarnece a civilização.

— A pseudo-civilização...

— Os seus filmes são um sarcasmo.

— São um sarcasmo de génio, direi.

— Os filmes de René Clair são prejudiciais.

— São prejudiciais para o graude pú-

bllico que não sabe compreendê-los nem julgá-los devidamente.

— Não compreendo! disse Pierre Chenal.

— Os filmes de René Clair são filmes para as *élites*. Além disto são uma crítica mordaz a certos aspectos da vida. Ao vê-los temos que criticar essas críticas e reconhecer que são lendençosas, achincalhantes e parciais. Há outros aspectos da vida que são igualmente ridículos e René Clair fecha os olhos quando se vê diante d'elles. Como vê, não sou admirador de René Clair por partilhar das mesmas ideias sociais!

— Agora já estamos mais de acórd. No entanto...

Nem Pierre Chenal nem eu quisemos insistir; para mais abeirou-se de nós Bach, que é um dos operadores, e depois André Berley, que no filme encarna o Pike — um segundo comandante alentado e brutamontes.

Por causa duma foto...

Fui procurar Winna Winfried, pois queria que me desse um retrato e uma entrevista. Mas calculem o que me aconteceu! Winna tem caprichos próprios de tódas as mulheres, mas impróprios duma vedeta. Sabem? Não dá retratos! Uma estrêla de cinema não dar retratos é mais estravagante do que a Marlène ler-se vestido de homem.

Chamei-lhe ridícula, caprichosa, fútil — zanguei-me...

Chamei-lhe gentil, insinuante, provocadora — elogiei-a...

Ardilosamente, encaminhei-a até à cabine. As malas estavam entreabertas. Em ar de gracejo rebusquei-lhes os cantos com o intuito de me apossar duma foto. Winna Winfried riu da minha ingenuidade e foi-se embora. Deixou-me revolver tódas as malas, pois não possui fotografias. Ia já para desistir. Sentei-me numa arca a descansar... quando vejo na parede um retrato encaixilhado. Precipitadamente arrantei-o da moldura, meti-o debaixo do casaco e fui procurar Winna.

— Se arranjar uma fotografia sua jura-me que a não rouba e a autografa?

— Juro.

Mgstrei-lha. O seu espanto foi indescritível. Mas a promessa era sagrada e teve que cumpri-la.

Fala Winna Winfried

De novo amigos, conversamos des preocupadamente.

— Antes de trabalhar na «Général Production» em que empresa...?

— Trabalhei para a «London».

— Filmes em que tem tido os principais papéis?

— No filme de Jean Renoir, «La nuit (Conclui na pág. 14)»



Oliveira Martins, outro indigitado intérprete do filme luso-francês de Jean Murat.



● êxito de William Powell, junto do público, aumenta dia a dia. Notável pela sua sobriedade e distinção na tela, o inesquecível intérprete de «O Homem Sombra» conquistou definitivamente as multidões.

Temos recebido cartas e cartas a pedir a publicação da sua «foto», a alvitrar a insenção, nas páginas desta revista, da sua biografia.

Damos hoje a satisfação plena aos bons desejos dos nossos leitores, transcrevendo, com a devida vénia, o curiosíssimo artigo que Suzanne Chantal, a grande jornalista francesa, publicou em Cinémonde.

Willie para as mulheres

Certa noite, uma lindíssima loira e um muito digno «gentlemen» foram os únicos convivas dum jantar pantagruélico, que devia ter custado uma fortuna...

Tinham acabado o seu trabalho num filme e todos sabem que, durante as filmagens, as vedetas vivem como eremitas, deitando-se cedo para cedo se erguer. Durante algumas semanas, um e outro estiveram afastados da vida mundana, longe dos prazeres que ela proporciona. Conheciam apenas de nome os cabarés recentemente inaugurados em Hollywood. Não sabiam os últimos

«fotins». E ignoravam, em absoluto, as «toilettes» que Marlène Dietrich ou Mime Gany Cooper haviam estreado nas últimas semanas.

Nessa noite, a primeira noite de liberdade, tinham jurado tirar uma desforra memorável. Resolveram jantar, às prestações, em todos os restaurantes e cabarés elegantes da cidade. E assim, tendo tomado um «cocktail», às oito horas, num extremo de Hollywood, encontravam-se às três horas da manhã, no extremo oposto a «sobremesas»... E, para fechar com chave de ouro esta pândega, decidiram ir refrescar as ideias, junto do mar, que espelhava nas suas águas um luar docemente azulado, digno do país das estrelas.

No dia seguinte, a Imprensa comentava o acontecimento e Hollywood inteiro segredava, com risos significativos... É que a bela em questão era a mais loira das celebridades e a mais célebre das loiras: Jean Harlow, em carne e osso. E o seu companheiro de orgia, o digno «gentlemen» — William Powell.

Bill para os homens

No verão precedente, um belo dia, certo «iate», deixou Los Angeles, com rumo ao sul. E, dias depois, transpunha o canal de Panamá e vogava serenamente, nas águas quentes do golfo do México. Uma lancha veloz levava os seus tripulantes aos velhos portos, onde se entrelinham a trincar lâmaras, batatas fritas, e a olhar as raparigas, lindas morenas, que se desnalgavam, de chaile traçado. A bordo, nem uma mulher. Viviam livremente, semi-nús. Pes-

cavam, Coziam-se ao sol e bebiam intermináveis «whisky and sodas».

Entretanto, Hollywood quedára-se assombrada ao verificar que quatro dos seus mais brilhantes «gentlemen» não apareciam em parte alguma. Na realidade, tinham desertado para fazer uma cura de silêncio e de repouso. E o lindo iatezinho branco reinia na verdade quatro grandes vedetas! Richard Barthlemess era o almirante; Ronald Colman, o capitão; Warner Baxter, que não tinha conhecimentos náuticos, embarcara como passageiro; e, finalmente, William Powell era a... tripulação!

Foi famoso, êste cruzeiro dos quatro! À noite, em redor do piano, cantavam em côro. Esta ideia de formar um quarteto vocal é velha e um dos sonhos de qualquer dêles. Nunca conseguiram triunfar.

Por sorte, os seus gênios casam-se melhor do que as suas vozes. A amizade que os une data de longa data.

A de Barthlemess e de Powell vem desde os bons tempos em que filmavam juntos... «O chaile das flores sangrentas!» A de Colman vem desde Romola. Baxter é o mais novo do grupo.

São quatro bons companheiros, que as exigências matrimoniais ou rivalidades profissionais nunca conseguiram separar. Às vezes, um dêles casa-se... Mas passada a lua de mel, retoma logo o seu lugar no quarteto. Tempos depois, êsse ou outro divorcia-se. Mas estes pequenos incidentes exteriores, não afetam a paz do grupo.

Têm todos as mesmas idades, e os

(Conclui na pág. 15)

que
SE FEZ
Galã



A Companhia Cinematográfica de Portugal apresenta, dentro em breve, no «SÃO LUIZ»

A Companhia Cinematográfica de Portugal detém hoje os mais célebres documentários da actualidade. O Cruzeiro Amarelo que apresentou, há dias, no São Luiz e Baboona, a epopeia aérea sobre a África, que amanhã, com Shirley Aviadora apresenta naquela mesma prestigiosa sala.

Dizer alguma coisa sobre cada um dos filmes eis um dever imperioso, ao qual nos não queremos furtar!

A África tem sido devassada de lés a lés, por mil e uma caravanas cinematográficas. A selva quasi não tem segredos para a câmara: as feras foram já reveladas, em toda a sua majestosa beleza, na tela branca: os ritos e as melopeias dos indigenas foram objectos de cuidados, reproduzidos, em filmes de mais ou menos interesse, de maior ou menor metragem.

Captar o nunca visto, no Continente Negro, eis o propósito dos dois arrojados exploradores, os esposos Martin Johnson's.

Durante meses e meses, percorreram as regiões misteriosas das terras de Ebano, em busca das sensações mais inverosímeis, dos locais, usos e costumes mais pitorescos. Tudo o que a câmara revelasse tinha, porém, que obedecer a esta regra: ser absolutamente inédito. E assim se fez.

Partiram, à aventura, em dois aparelhos, um com a carlinga listrada como se fosse a pele duma zebra, e a do outro aparelho,

como se fosse a dum leopardo. Pretendiam, assim, não assustar os animais selvagens que deles, porventura, se acercassem.

Os esposos Martin Johnson's pilotavam os dois aparelhos, cada um o seu. E, desafiando todas as regras da prudência, estabeleceram uma base em Nairobi, junto do Kénia e dali irradiaram para o Tanganyka, Congo Belga, Rodésia, Norte de Moçambique, Sudão, Abissínia, seguindo o curso do Nilo desde a sua nascente até à foz, para depois atravessar o Egipto, a Libia, até Tunis.

O relato da sua prodigiosa aventura encontra-se condensado em *Baboona*, uma epopeia aérea sobre a África! É o diário empolgante de ousados exploradores, que viveram a mais espantosa das aventuras, desafiando todas as forças da Natureza, aventurando-se no coração da selva africana, para captar o inédito! O nunca visto!

O seu filme tem um interesse inextinguível. É a verdade sobre a África, sobre as suas tribus inquietas, sobre a fauna desconhecida. As vistas mais surpreendentes, alternam com as maiores emoções. Aqui, os arrojados exploradores atingem regiões onde até então o homem nunca pusera pé. Ali, são atacados pelas feras, pelos rinocerontes, temíveis, pelos leões imponentes, pelos crocodilos traiçoeiros.

É um nunca acabar de sensações — um turbilhão de cenas de excepcional interesse.

Baboona ficará no Cinema como um dos mais notáveis documentários de todos os tempos, como uma obra que o exalta e o prestigia.



Uma epopeia aérea sobre a África! As aventuras de dois exploradores, no coração da selva africana!

B A B O O N A



Shirley Temple, a mais pequena actriz do mundo, numa comédia adorável, ingénua e sentimental.

SHIRLEY, AVIADORA

Shirley Temple — a mais graciosa, a mais célebre, a mais talentosa de todas as miúdas, que o cinema tem utilizado — vai encantar, de novo, o publico em *Shirley, Aviadora*.

Trata-se duma deliciosa comédia sentimental, onde a graciosa estrelinha, em cenas de repassada ternura, nos mostra as suas extraordinárias faculdades de actriz, a sua singular intuição.

O filme conta-nos a história de Shirley, cujo pai, piloto aviador, perdeu a vida num desastre. No aerodromo, todos lhe querem muito e Shirley é a menina-bonita dos aviadores, que a acumulam de mimos.

Em casa, as coisas não se passam assim. A mãe de Shirley é criada de servir em casa duns senhores presumidos, pais duma menina mal criada e embirrenta.

nematográfico e soube tirar partido das cenas de ingénua graciosidade que são o seu forte, facilmente chegaremos à conclusão de que *Shirley, Aviadora* é um filme que merece ser visto e que vai fazer carreira em Portugal!

* * *

De resto, a critica francesa foi pródiga em elogios e acentuou não só o talento precoce da estrelinha, como ainda a forma hábil como o argumento contribue para realçar e aproveitar as suas qualidades histriónicas.

* * *

Certo dia, a mãe morre, num desastre de viação. E o que será feito de Shirley entre a má vontade de uns e os carinhos de outros!

Não queremos revelar o desfecho da acção. Digamos apenas que é um mimo de graça e de ternura, e que a linda actrizinha tem cenas em que representa como gente grande! Digamos, ainda, que o argumento tem um interesse inegável e um fio de sentimento, que lhe vai bem.

E se acrescentarmos que David Butler realizou este filme com inegável sentido ci-

UM DOS MAIS
CÉLEBRES E
GRANDIOSOS
PROGRAMAS
DA
TEMPORADA!

Os Nossos Filmes



— Filhos, a caridade não é o meu forte. Tenho algures uma quinta. Está abandonada — e hipotecada. Querem ir para lá e tentar ver se fazem dela alguma coisa? Estão em vossa casa.

Os dois aceitaram, radiantes, a proposta. Chegaram lá, de manhã, a um lugarejo distante. Um casa de madeira erguia as suas ruínas sobre um solo árido e pedregoso. Algumas alfaias de lavoura jaziam por terra, enferrujadas... Só um burro parecia afirmar a vida naquele deserto imenso e desolador.

Cheios de coragem, entraram em casa. Tudo estava nojento. Móveis, nem um. As janelas não tinham vidros. E, na primeira noite, Mary e John dormiram sobre fardos de palha, junto da lareira...

De manhã, John tentou cavar a terra, ou melhor a lama endurecida. De súbito, um veículo inverosímil estacou junto da barreira. Um homem estranho, ridículo, acumulava no seu carro, todas as suas alfaias, alguns animais e a família. Estava empamado.

John cumprimentou:

— Onde vai?

— Sou quinteiro, respondeu o outro. Vou para a cidade.

— Porque não fica connosco. Juntos, talvez pudéssemos fazer disto qualquer coisa...

E Chris — assim se chamava o aldeão — aceitou. Era um trabalhador hábil e infatigável. E em poucos dias, os dois fizeram trabalho útil e prestante!

Certa noite John pensou: se em lugar de sermos dois, fôssemos vinte ou trinta, poderíamos saçar desta terra todo o partido, e — quem sabe? — fazer disto uma fazenda rica e próspera. Chris foi da mesma opinião. E, no dia seguinte, afixavam editais, apelando para os homens de boa-vontade, que quisessem fazer algo que os dignificasse.

Em poucos dias, uma vintena de famílias reuniu-se na quinta. John explicou-lhes o que queria delas. Todos se lançaram ao trabalho. As velhas alfaias foram reparadas. A terra foi surribada e semeada.

Dentro em pouco, uma cidadezinha nasceu. Homens, mulheres, crianças e animais agruparam-se. Cada um procurou instalar-se o melhor possível, felizes por não se sentirem sós, esperançados numa vida melhor. Eram todos corajosos, os rapazes. Trabalhavam à maravilha e tinham um fim único — saçar da terra o seu pão de cada dia.

Numa manhã de Primavera, Mary viu, a brotar da terra, o primeiro pu-

O Nosso Pão de Cada Dia



de King Vidor

«Avócinho! Conta-me uma história!

— Uma história?! Vá lá...

— Como se chama, Avó?

— O Pão nosso de cada dia e passa-se na América.

ERA uma vez um rapaz e uma capariga, muito infelizes. Na América inteira, havia mais que se sentiam igualmente tocados pela asa negra da desgraça. Alguns estavam sem trabalho, sem dinheiro e sem possibilidade de ganhar a vida.

Por isso John e Mary — um casal simpático a valer — se sentiam desesperados, sós, abandonados, no mundo povoado de seres egoístas e caprichosos. Durante o dia, andavam de porta em porta, em busca de colocação. Tudo em vão.

Certa vez, quando subia as escadas, pô ante pé, ouviu falar à porta. Escondeu-se atrás duma porta e ouviu a mulher discutir com um representante do senhorio:

— Se não pagarem, dizia ele, vão para a rua. Têm dois dias para satisfazer a importância das rendas em débito!

Logo que o outro se foi, John entrou em casa, onde Mary o aguardava com um sorriso forçado. Mary, corajosa, animou-o:

— O meu tio está cá. Convidei-o para jantar. Talvez ele nos possa ajudar...
— Está tudo bem... Mas onde vamos arranjar dinheiro para o jantar?

Não era para grandes atrapalhções, o nosso John. E, assim, foi buscar o seu banjo e conseguiu trocá-lo pelo mais magro dos frangos, que encontrara na capoeira duma colareja sua conhecida...
À noite, ao jantar, comeram o frango — ou melhor, provaram-no!... Mas tudo se passou pelo melhor...

Este tio, de que Mary e John falavam, não era rico. Também sentia a crise. E foi franco, quando lhes falou:

Um estúdio ambulante nas águas do Tejo

(Continuação da pág. 10)

nhado de cento. Ficou lá perturbada, como se tivesse descoberto a coisa mais extraordinária deste mundo. Chamou John, que chamou Chris, que chamou toda a gente. E, dentro em pouco, a colónia inteira, ajoelhada ao pé da seara nascente, convenceu-se de que a miséria acabara, e em unísono, ergueu um hino ao Céu: «O pão nosso de cada dia nos dai hoje»...

Depressa a colónia verificou que escasseavam os fundos. A colheita vinha ainda longe e só depois dela haveria como fazer face às despesas. Como sustentar a terra e as gentes até lá?

— Foi então que o Luiz Grande se revelou!

O Luiz Grande era um evadido. Fôra condenado, depois de haver socado um companheiro. No era mau tipo e teve ocasião de o provar. A polícia oferecia 500 dólares pela sua captura. Para que aos seus camaradas não faltasse dinheiro, fez-se denunciar por Sally e a colónia conheceu novamente bons dias.

* * *

Esta Sally era uma mulher bonita, preguiçosa, que aquela boa gente reconhecera. Passava o dia a ouvir o gramofone, a fumar e a dar maus conselhos a John.

A seca fez-se sentir. Durante meses, não caiu uma gota de água. A seara, que estava tãoinda, começou a secar. Chris, todos os dias, percorria, com ansiedade, os caminhos e, via, dia a dia, a seara a murrar. Um dia disse a John: — Se não chove, dentro duma semana, estará tudo perdido e ficaremos mais pobres do que dantes.

E John teve uma crise de fraqueza e desanhou. Mary tentou recori-la.

Mary não respondeu-lhe: — Que queres que eu faça. Não posso fazer nunca a soco...

Mary há muito que não reconhecera o seu John. Resolveu cortar o mal pela raiz. Procurou Sally e declarou-lhe:

— É preciso que saia daqui. Não é feita para isto. Faltava-lhe a nosa fe, os nosso hábitos e a nosa vida. E ainda com a agravante de desencorajar John.

Sally, contestou, tranquilamente: — Está bem! Parto! Mas John vai comigo.

Mary sentiu-se infelicíssima. Tentou reter John mas em vão. A fé abandonara-o! E foi ter com Sally.

Na estrada, ante o seu carro, parecia-lhe ver erguida, a barrar a passagem, a figura de Luiz Grande, que condenava a sua fuga. Era o remorso a mimá-lo. O carro estacou. Desceu.

Sentiu um ruído de máquinas. Era a central-eléctrica a funcionar. Pensou: «Se a central funciona é porque há água. E se há água estaremos salvos, canalizando-a até aos campos.

* * *

Teve vergonha de ter sido um traidor. Deixou Sally e regressou, a correr, ao campo! Os seus camaradas lá estavam, fiéis, no seu posto!

E gritou-lhes: — Estamos salvos! Basta querer. Tudo ao trabalho. Vamos buscar água à ribeira.

Dia e noite, sem descanso, como forçados a cumprir a pena, como escravos animados por um furor sagrado — os homens desbravaram a terra, cavaram fundo, durante quilómetros e quilómetros, um canal. As mulheres iam-lhes levar a comida. Trabalhavam sem descanso, sem dormir, sem lamentações — era o pão de cada dia, que procuravam salvar.

Quando o canal se completou, uma ordem, transmitida, de boca em boca, encheu de alegria todos os outros: — Água! Água!...

A barreira que separava a ribeira do canal desfz-se. A medida que ela seguia pelo leito sinuoso feito pela mão dos homens, estes acompanhavam-na, encaminhavam-se para as calcarias, outros tantos ramos daquela fonte de vida. A alegria renasceu. E, como nos primeiros dias, a colónia inteira ajoelhou. O pão de cada dia — estava salvo!

du Carrefour», contranceei com Pierre Renoir...

— Outros? — Para o saúdo John Dournery interpretei «Naughty Cinderella» e com Jean Batenee fiz «Little Mis Nobody».

— Agrada-lhe o seu papel neste filme?

— Muito. Faço uma filha do comandante do «Elseneur», diferente das que estamos habituados a ver.

— Quais os actores de cinema que mais lhe agradam?

— Charles Boyer, Clive Brook, Clark Gable...

— Tem gostado da viagem?

— Imenso e depois divirto-me muito com esses rapazitos-marinheiros que andam em viagem de estudo. Calcule que estão todos apaixonados e eu acho graça e dou-lhes atenção. Louitados; não acha que seria cruei desfazer-lhes essa ilusão?

— É claro. E eles não abusam?...

— Absolutamente nada. Se fôssem portugueses já não lhes dava tanta corda. Sabe que um «chauffeur» e o criado do hotel fazem-me jógo?

— Ah, sim?!

— Vocês são levadinhos. Nunca vi homens mais conquistadores!

— A culpa não é nossa... é sua!

— Sabe que eu gosto?! Faz-me lembrar o tempo em que ainda não era actriz e os rapazes andavam irricamente atrás de mim com ramos de flores. Agora não vá dizer isto para o jornal porque senão chamam-me leviana.

— Pode fiar descansada.

— Não se esqueça de dizer quanto gosto de Lisboa.

A bordo já desconfiavam da demora da nossa conversa. Deixei Winna Winfried durante alguns instantes, para evitar o rancor dos jovens marinheiros-aprendizes.

Superstições

Fui para a sala de jantar. Discutia-se a viagem. A jornalista Arlette Jarazin — uma rapariga muito nova e muito simpática — dizia que não se admirava que sucedessem contratempos, pois embarcaram em Brest numa sexta-feira, dia 1 de Novembro — dia dos mortos — e para mais os carregadores deixaram a bordo um gato preto.

Jean Murat confessou que era supersticioso e todos foram apressadamente procurar cintos de salvação para oferecer ao popular actor.

Ele achou graça e eu aproveitei a ocasião para começar a entrevista.

Fala Jean Murat

Preparava-me para iniciar o interrogatório e Murat começou a falar.

— Venho sempre a Portugal com prazer. Com esta é a terceira vez. Lembrou-me perfeitamente do tempo em que aqui filmei os «Olhos da alma» e a «Fonte dos Amores». Foi durante o primeiro destes filmes que conheci o grande actor Brazão. Tinha por ele uma predileção extraordinária. Impressionou-se profundamente a sua morte.

— Porque não vem com sua mulher, a actriz Anabella, passar aqui uma temporada?

— Penso fazê-lo dentro em breve.

— Depois de acabar este filme?

— Não. Terminada esta viagem, que deve demorar até ao fim do mês, regresso a França para concluir as filmagens de «Ana-Maria», que ultimamente têm decorrido no campo de aviação de Guyancourt.

— Anabella também entra nesse filme?

— Entra. Revela-se uma aviadora arrojada. Depois de terminado «Ana-Maria» vou fazer os interiores dos «Mulinés de l'Élseneur» e depois então devo vir por aí.

— Em viagem unicamente de recreio?

— Porque pergunta? Já sabe de alguma coisa?

Mistério

Palavrinha que fiquei embaraçado. Que diabo seria? Se digo que não sei, éle não me dá mais nada! O melhor é armar em sabichão. E sem hesitar:

— É claro que sei.

— Quem lhe disse?

— Uma pessoa de grande importância no meio cinematográfico.

— Não tinham já feito as «Pupilas» no tempo do cinema mudo?

— Já; respondi eu, e fiquei a cismar qual a relação das «Pupilas» com este mistério.

— Vi a versão muda mas a sonora não.

Estava absolutamente em branco e não atinava com o processo de descobrir esta incógnita. No entanto arrisquei:

— É claro que esta versão é que lhe interessava ver?

— Pois pudera. Assim já ficava a fazer uma ideia das possibilidades.

Com os meus botões comecei a repetir: «ideia das possibilidades?» Que quereia éle dizer com isto? E resolutamente perguntei:

— Como lhe surgiu tal ideia?

— Quando cá estive por causa dos «Estupefacientes» filmei algumas cenas à porta dum barbeiro *chic*, que tinha na montra um retrato dela muito interessante.

Quem é ela?

— Depois disso quando é que viu mais fotografias?

— Em Paris, depois da estreia das «Pupilas». Uns senhores que estão interessados neste assunto mostraram-me algumas.

— Agradaram-lhe?

— «Beaucoup»; la petite Maria Paula est très gentille.

Fiquei assombrado; mas, sófrego por conhecer mais pormenores, esforcei-me por continuar:

— E muito engraçada e tem muito jeito.

— Sim. E fala bem o francês?

— Fala.

Não havia dúvidas. Jean Murat pensa em fazer um filme com Maria Paula.

— Já lhe falou alguma vez?

— Há dois anos, pelo telefone. Mas antes de partir vou procurá-la.

Nisto vieram-nos dizer que já estava tudo no gasolina à nossa espera. Era já escuro. O gasolina estava apinhado. Não consegui falar-lhe, embora empregasse altas diligências. Ficámos a certa distância e não a podíamos encurtar, pois vinham tantas pessoas que era impossível o mais pequeno geito. Esperava abordá-lo novamente quando desembarcássemos mas, para cúmulo do asar, estavam a esperá-lo três senhores de aspecto importante que o enfiaram num esplêndido carro.

Fiquei irritadíssimo.

Nova pista

Fui telefonar para a Maria Paula mas não consegui obter ligação. Das «reclamações» disseram-me que estava aviada.

Procuerei Jean Murat no hotel mas não fôra jantar.

No dia seguinte, logo de manhã, fiz nova tentativa e fui melhor sucedido.

Maria Paula atendeu-me e disse que o Murat estivera na véspera à noite em sua casa.

Marquei logo um encontro e pedi retratos inéditos. Maria Paula levou a sua amabilidade ao ponto de os ir tirar propositalmente. Combinámos encontrarmo-nos na «Brasil». Envolvidos pelas fotografias de todas as pessoas célebres de Lisboa, conversámos demoradamente. Primeiro da doença que teimosamente martirizava a nossa «vedeta mais vedeta». Mas o dr. Luzes garante que em Janeiro já pode trabalhar. Depois falámos da ida ao Brasil, que está mar-

cada para Fevereiro, em virtude de ter sido adiada por causa da doença.

Murat visita Maria Paula

Murat foi propositalmente e por seu interesse a casa de Maria Paula, para a ver e ouvir.

A Paulinha, como lhe chamam em família, cantou em francês uma das músicas que a Lucienne Boyer celebrizou.

Murat achou-a elegante, bela, com boa voz e boa pronúncia.

Maria Paula explicou-me a finalidade da visita e a razão de todo este interesse. É que pensam contratá-la para um filme francês, que terá uma versão na nossa língua.

Além disto perguntou quais eram os rapazes portugueses que já fizeram cinema e poderiam servir de par a Maria Paula. Falaram em Oliveira Martins, que estava presente, e Murat gostou imenso da sua figura.

Depois destas informações achava-me plenamente senhor do assunto. Interessava-me sobremaneira falar novamente com Jean Murat, pois obrigá-lo a dizer mais algumas novidades.

Novamente Murat

Fui encontrá-lo no Internacional Bar, rodeado de imensos actores que conhecia de bordo.

— Porque lhe surgiu a ideia de fazer um filme com gente portuguesa?

— Lembra-se do «Galão» que o espanhol José Nogueiro interpretou nos «Dois num automóvel»? Pois bem. O filme foi optimamente recebido em Espanha e na América do Sul por este motivo. Pensamos em fazer uma coisa idêntica para Portugal, Brasil e a Colónia Portuguesa na América do Norte. Eis o que me sugeriu a película que tanto lhe interessa.

— Quando vem tratar do assunto?

— Depois de terminados os filmes de que já lhe falei vou trabalhar para o realizador Marc Allegret, que fez o «Lago do Amor» e «Les Beaux Jours»; é este último actualmente em exhibição em Paris, onde foi estreado com sucesso. E então que penso vir a Portugal.

— Isso dá mais ou menos para quando?

— Lá para Março, conto cá estar. Maria Paula, provavelmente, adiará de novo a sua ida ao Brasil, pois nessa altura tenho que combinar definitivamente todas as coisas.

— Maria Paula é a única artista portuguesa que vai contratar?

— Penso que sim. Falaram-me também em Beatriz Costa, em virtude do filme ser uma comédia. Mas não vejo probabilidades. O que talvez precise é dum actor.

— Então não é Jean Murat que desempenha o principal papel masculino?

— Não sei. Talvez fique só como «metteur-en-scène». Bem vê... depende da rubrica. Mesmo que eu entre é provável que tenha que contratar um rapaz novo para galá.

— Esse filme é feito cá ou em França?

— Nos dois países. Cá também há estúdios e aparelhagem sonora e assim fica mais barato.

— Os capitais são todos franceses?

— Não. Também estão interessados capitalistas portugueses.

— Não tem mais nenhuma novidade para o meu jornal?

— Não. O que lhe posso dizer é que se desta vez filmamos certos aspectos menos característicos do Tejo e vamos apresentá-lo como sendo o Tamisa, dentro em alguns meses filmarei Portugal e vou apresentá-lo ao mundo como sendo o PORTUGAL das camisas enxadradas da Nazaré e do Pôrto-cidade-cascata. Estive um mês na Nazaré e quinze dias no Pôrto mas nunca mais me esqueerei das suas belezas.

TELMO FELGUEIRAS



CINE-JORNAL

mesmos gostos... Quatro nomes famosos...

Não! Simplesmente Dick, Ronnie, Willie e Warner — quatro bons amigos.

Detective do meu coração

Cada face tem dois perfis diferentes e significativos. Eis dois aspectos de Powell...

Mas conhecem outro... O Powell elegante, espirituoso, irônico do *Homem Sombra*. Antigamente, no cinema, era tido como um tipo de maus fígados! Chegou a desempenhar papéis de vilão. A sua agilidade, os seus olhos claros, sob as pálpebras pesadas, o seu bigode tradicional estavam a matar, para os papéis que então lhe davam.

Mas Willie não nasceu para não passar da cêpa torta... Outrora, quando era comediante de província, conseguiu interpretar 237 papéis diferentes. Havia peças em que desempenhava três papéis e conseguia impôr as suas criações a ponto de ofuscar o trabalho dos protagonistas.

Depois a evolução deu-se. Powell passou a ser um amante tão terno, tão sentido e tão emotivo — que se lhe perdoaram todos os pecados...

Dai em diante, viveu, apenas, papéis simpáticos. Mas não ganhou muito com a troca. Especializarau-no em papéis de detective: Philo Vance ou Sherlock Holmes, quando não eram outros piores.

Powell não se conformou. E conseguiu compôr no *Homem Sombra* um detective que rompe, definitivamente, com a tradição. *Evelyn Prentice* e sobretudo, *Star of Midnight*, tem por vedeta este Powell, na sua nova fórmula.

Três «handicaps»

Hoje, William é sem dúvida um dos mais populares artistas da sua geração. Aos quarenta anos, célebre, rico e livre — tem tudo o que precisa para ser feliz.

Mas é um inquieto, que duvida sempre do dia de amanhã.

O seu êxito não foi filho da sorte, mas dum esforço persistente e incansável.

Powell conseguiu escalar a difícil calçada da glória com três terríveis «handicaps»: era feio, pobre e tímido...

Filho dum contabilista de Kansas City, William começou a estudar para advogado. O seu professor de letras, imprudentemente, reconheceu-lhe o talento declamatório. Resolveu ser actor — e fugiu da Universidade.

Certo de que se não improvisa, dum dia para o outro, um intérprete de Shakespeare, resolveu seguir um curso de declamação. Eram precisos dois anos e 1.400 dólares para obter o diploma. William entrou para uma Companhia de telefones, com 60 dólares por mês. Tinha que economizar 50, para no fim do ano, poder ser admitido ao exame...

Mas por pouca sorte encontrou uma loira (as loiras trouxeram-lhe sempre a desgraça) e os 50 dólares mensais der-

retiam-se em flores, gelados e passeatas de barco.

William pensou numa tia rica, que tinha em Pensilvânia. Amadureceu a ideia e mandou-lhe pedir os 1.400 dólares de que necessitava.

A tia, comovida, enviou-lhe 700.

E é por isso que, a Preston K. Killenbeck, professor de eloquência da Universidade de Kansas City, e a uma velha rendeira da Pensilvânia, devemos William Powell.

Os primeiros degraus

Powell necessitou de oito anos, para obter, no palco, um papel importante. Durante todo esse tempo viveu a existência trágica dos figurantes que, andam de teatro em teatro, em busca de contratos.

Vivia com outro estudante de Kansas City, que fóra para Nova York em busca da glória e da fortuna. Chamava-se Ralph Barton e pintava a óleo.

Conseguiu triunfar antes de Powell e foi êle que apresentou a futura vedeta a um dos seus amigos. Este achou-lhe uma face expressiva e conseguiu-lhe arranjar um contrato. E, assim, o nosso herói estreou-se, em 1921, com John Barrymore, em *Sherlock Holmes*.

Estava, decididamente predestinado às aventuras policiais. Foi o início da sua fortuna.

E pôde reembolsar a velha tia que lhe confiara a quantia de que precisara então. Fóram precisos treze anos, para amortizar a sua dívida.

Ele e o amor

O primeiro casamento foi com uma coega do teatro: Eileen Wilson e terminou com um divórcio. Ficou um filho, que hoje tem doze anos. William Powell J.^o.

A 30 de Julho de 1931, casava-se novamente, desta vez, com William Powell, mais nova do que êle quinze anos. Durou vinte meses este lar...

Após as duas experiências, seria lícito supôr que Powell deserre do amor e do casamento. Nada disso... Para êle, a vida começa... Lindas raparigas, como Kathryn Sergave ou Muriel Evans vieram-no distrair, após o segundo divórcio.

E agora, companheiro assíduo da loira platinada, cujos desastres matrimoniais — três até à data — não lhe ofuscaram a alegria, o ardor e a vivacidade, Powell lança-se de novo, numa grande aventura.

Ele e o seu duplo...

Disse já que William era um tímido. A sua calma, «nonchalance», o seu bom humor, a sua autoridade — parecem provar o contrário. Mas a tela — é um facto — nunca reflecte a verdadeira personalidade dum artista. Powell, na realidade, teme o mundo e sobretudo as mulheres. Tem medo de desiludir aquelas que o admiram na tela. Porque não se julga com o à-vontade, com a elegância, com o espirito desses personagens.

Os diálogos dos seus filmes são sempre escritos pelos mais famosos profissionais de Hollywood. Os trajos que veste são executados e «verificados» pelos árbitros de elegância dos estúdios. E os inquéritos policiais que êle conduz com tanta inteligência são fabricados por hábeis especialistas do género.

Quando começou a desempenhar na tela os «Philo Vance», William Powell, deslumbrado com a facilidade com que os detectives abrem as fechaduras mais rebarbativas com a ajuda dum simples alfinete, fechou-se na casa de banho da sua casa, atirou a chave pela janella fóra e tentou correr a lingueta, como nos filmes. Não conseguiu. Teve que saltar pela janella.

Desde então, renunciou a ser o homem dos seus sonhos... Mas está obcecado pela sua sombra, por esse duplo impertinente, que tanto êxito tem alcançado na sua passagem pela tela.



Eu quero comprar uma chamada!

Ao pedir uma comunicação para outro local distante, na vossa cidade, efectua uma COMPRA. Por cinco tostões acaba de pedir à organização telefónica tudo isto.

— Dê-me a utilização de alguns quilómetros de fio no cabo subterrâneo; dezenas de metros de fio aéreo, um pedaço do vosso quadro de ligações, com todos os seus pertences; preciso corrente das vossas baterias de acumuladores para transportar a minha voz e um pouco mais de outra corrente para fazer tocar as campainhas no local para onde quero falar. Preciso de uma empregada ou duas para as ligações troncais; dê-me também a atenção de vigilantes e pesquisadores de defeitos porque quero a transmissão clara e perfeita.

Se pensar assim achará o verdadeiro valor do serviço telefónico

A Companhia dos Telefones presta-vos serviço dia e noite

CINE-JORNAL
GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRAFICO

Director: FERNANDO FRAGOSO
Editor: ALVARO MENDES SIMÕES

Propriedade da Editora Lda (em organização)
Redacção e Administração: T. da Condesa do Rio, 27
Telefone 2 1368 e 2 1227

Comp. impressão e gravuras BERTRAND (Irmãos), Lda
Trav. da Condesa do Rio 27—Lisboa

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

PORTUGAL

32 números 1 ano	48\$00
25 " 6 meses	24\$30
12 " 3 meses	12\$00
Estrangeiro e Colónias, 32 num. 1 ano ..	65\$00

CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 5 — 18 DE NOVEMBRO DE 1935 — SAI TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



*Martha Eggerth
e
Phillip Holmes
em
"Casta Diva"*

